



O ESTADO DAS COISAS

Movimentos incertos do presente

Seminário aberto

Mestrado e Doutoramento em Estudos Portugueses

10 de Março de 2022, 10h-17h

Colégio Almada Negreiros/CAN 209

“Temos uma mensagem comum, acabaremos por nos encontrar.” – ouve-se no início do filme de Wim Wenders, *O Estado das Coisas*. Mais do que uma reflexão sobre um estado, uma condição – a de reféns num hotel à beira-mar –, o filme de Wenders é uma reflexão sobre um processo, sobre como “fazer coisas” no limite do inexecutável, isto é, como filmar, como pensar quando tudo fica em suspenso? O que move um pensamento? O que produz? Que forma de interrupção, que força, que acção? Que tipo de vida o atravessa? “Perguntar é caminhar” – garante João César Monteiro. “Onde e como encontrar?”, “De onde vem?”, “Para onde vai?” são interrogações recorrentes que abrem e desviam caminhos na sua obra. Mas como formular as próprias perguntas? Como caminhar sem cair na tentativa de uma resposta imediata? Como demorar-se na dúvida? Como continuar sem começar? Como fazer do pensamento um exercício das margens, uma maneira de permanecer no limbo, num estado intermédio, larvar? Como não se perder? Ou então, como expor-se à alienação e fazer da perda um exercício de experimentação? O que nos (co)move quando tudo arde?

Conferencistas: Flavia Espindola, Hináh Esttela, Jéssica L. Pires, José Candeias, Maria Brás Ferreira, Mariana de Carvalho, Rita Anuar, Rui Portulez, Sérgio das Neves.

PROGRAMA

Manhã

SESSÃO 1: 10h-12h

Sérgio das Neves, “Fado canhoto: Herberto Helder e Carlos do Carmo em matéria de voz”

Maria Brás Ferreira, “*A Noite e o Riso* e o *Inexperienciável*”

Mariana Carvalho, “Como rematerializar: leitura de *Teatro Dubrowka*, de Fernando Guerreiro”

José Candeias, “Tempos esquisitos, histórias esquisitas. Algumas notas sobre Lovecraft, o esquisito e o realismo especulativo”

Almoço: 12h15-14h30

Tarde

SESSÃO 2: 14h30-17h

Rui Portulez, “Poemas Filhas da Mãe. Contributos para uma antologia de poesia feminista em crescimento”

Jéssica L. Pires, “O ovo, a galinha e o (re)convexo de Lispector”

Rita Anuar, “Políticas do corpo em Walter Benjamin: a criança e a infância”

Hináh Esttela, “Os pilotos de 3% e a utopia da meritocracia na sociedade neoliberal”

Flavia Espindola, “O grito”



NOVA FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

**O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT
– Fundação para a Ciência e Tecnologia
no âmbito do projeto UIDB/00657/2020.**

Sérgio das Neves, “Fado canhoto: Herberto Helder e Carlos do Carmo em matéria de voz”

“Estes poemas que chegam”, poema da obra póstuma de Herberto Helder *Poemas canhotos* (2015), é vertido em fado, “Poemas canhotos”, por Carlos do Carmo, no seu álbum póstumo *E ainda...* (2021). Partindo da suspeita de um desvio fadista na escrita de Helder, gostaria de reflectir sobre a relação entre poesia e música, neste caso, circunscrita ao fado, como possibilidade de abertura do sentido do poema, engendrando outros caminhos e outros leitores-ouvintes. A sabedoria de iniciação, o “fazer ver / o dentro da nossa morte”, presente no poema e no fado, apela ao canto da poesia e actualiza a própria definição do género musical. Entre questões de morte e de autoria, como se nos mostra a matéria da voz daquele que escreve, e daquele que canta?

Sérgio das Neves frequentou a licenciatura em Teatro da Universidade de Évora, licenciou-se em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é mestre em Estudos Comparatistas pela mesma instituição, com a dissertação: “Urfaust e Heinrich von Ofterdingen: um estudo comparatista à luz do pensamento alquímico”. Doutorando de Estudos Portugueses, da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, com bolsa FCT, desenvolve o projecto de investigação sobre alquimia e metáfora nas poéticas de Herberto Helder e Yvette Centeno.

Maria Brás Ferreira, “A Noite e o Riso e o Inexperienciável”

O romance *A Noite e o Riso* arquitecta-se em tríptico: no encadeamento de três painéis — pretextos formais para a exploração sucessiva de diversas tipologias (devidamente topológicas) literárias. As leituras do texto de Bragança tendem a erigi-lo sob a égide do *bildungsroman* ou, na tradução portuguesa, o chamado *romance de formação*, género caracterizado pela exposição do desenvolvimento, uma evolução positiva, de um personagem, numa descrição sequenciada de maturação; assim, todo o detalhe literário deve concorrer para a produção de um efeito de homogeneização narrativa, por meio da qual são identificadas diferenças esbatidas pela acção do tempo, pela experiência (do enredo e do próprio texto). Procurar-se-á contrariar esta ideia, pensando a linha de acção do personagem narrador do romance de Bragança como acto permanente, “provisório e deformável”, do *inexperienciável*, conceito trabalhado por Agamben em *Infância e História*. O sujeito moderno vive uma ausência de experiência sem precedente. Falta-lhe experiência na exacta proporção em que lhe sobram eventos (um excesso entrópico). A linguagem constitui já não o meio, mas a plataforma através da qual se retrocede permanentemente à infância, para habitar um salto ou um balbucio, origem do sujeito na história, de uma cisão entre língua pura e discurso humano; sujeito como predicado narrativo vivo, exposto, com efeito, à sua própria ficcionalização. Seja no estilhaçamento em capítulos com nomes de figuras contemporâneas, seja no fantasma gravado de um primeiro exercício de escrita (“U OMÃI QE DAVA PULUS”), o sujeito em Bragança é a testemunha da descoincidência entre regra e som, entre ordem e vontade e, no limite, entre desejo e gesto, desvirtuando qualquer recurso ou regime cronológico.

Maria Brás Ferreira (Lisboa, 25/11/1998) é licenciada em Estudos Portugueses, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Frequenta o mestrado homónimo da mesma faculdade. Fez Erasmus no King’s College London, onde frequentou seminários sobre os modernismos português e brasileiro, bem como estudos filmicos. Fundou e dirige a revista literária *Lote*, na qual participa igualmente como autora de poesia e ensaio. Encontra-se a escrever uma tese sobre Nuno Bragança. Publicou dois livros de poesia: *Hidrogénio* (ed.Flan de Tal, 2020) e *Rasura* (ed. Fresca, 2021).

Mariana Carvalho, “Como rematerializar: leitura de *Teatro Dubrowka*, de Fernando Guerreiro”

“A vida é a cores, mas preto e branco é mais realista”, ouvimos no filme de Wim Wenders, *O Estado das Coisas*. Fernando Guerreiro, em 2011, juntou ao seu livro *Teoria do Fantasma* a plaquete *Teatro Dubrowka*, em que escreve sobre um conjunto de fotografias do teatro Dubrowka, no momento do atentado terrorista. Estas imagens são reproduzidas em *tempo real*, em directo: mas no momento da sua enunciação, a distinção entre elas, a sua evocação e a sua reprodução esbatem-se. São imagens

refabricadas, imagens que, por não se saber de onde vêm - se do teatro concreto, se de sonhos, se da televisão - existem paralelas ao acontecimento em si, sem distância temporal. Assim, perseguindo o mote de Wim Wenders, procuramos descobrir o que fazer face à falta de espessura do real; o que sobra, afinal, da realidade, quando o tempo fica em suspenso? Como gerar movimento, quando o tempo perde a consistência?

Mariana Carvalho (Lisboa, 1998) é mestranda em Estética e Estudos Artísticos, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve uma dissertação intitulada *O resíduo como resistência da matéria: a rematerialização do mundo através da poesia e da fotografia*. É licenciada em Artes e Humanidades pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

José Candeias, “Tempos esquisitos, histórias esquisitas. Algumas notas sobre Lovecraft, o esquisito e o realismo especulativo”

Bruno Latour sublinha que nas últimas décadas, sobretudo devido a um aumento progressivo da consciência das alterações na relação entre o humano e a terra que habita, ocorreu uma inversão na forma como nos conceptualizamos: a história humana aparentou tornar-se imóvel perante a história natural que tomou um passo frenético. Diversas correntes de pensamento pós-deleuzianas procuram mapear as profundas consequências desta deslocação teórica, entre as quais podemos destacar o realismo especulativo e a sua tentativa de desbloquear o impasse do correlacionismo kantiano.

Neste contexto teórico, Graham Harman - uma das principais vozes do realismo especulativo - recupera a obra do autor H.P. Lovecraft para espessar a sua proposta ontológica. Harman conceptualiza uma ontologia plana que quebra qualquer distinção firme entre sujeito e objeto, avançando com um horizonte de entidades que interagem e se distorcem mutuamente e no qual o humano se limita a jogar a sua parte. A técnica literária de Lovecraft é convocada na medida em que, através de uma auto-referencialidade ao medium, consegue aludir a externalidades à fenomenologia humana sem verdadeiramente as captar na sua totalidade retraída - uma condenação que Harman considera ser generalizável à forma como interagimos com qualquer objeto quotidiano.

Harman refere os monstros lovecraftianos como um aspecto menor quando comparados à técnica literária do seu autor - sendo que diversos autores criticaram este passo no seu argumento enquanto uma queda na formalidade excessiva e, consequentemente, enquanto uma diminuição da atenção às corporificações históricas concretas que estão em jogo. Recuperando a forma como Lovecraft descrevia os seus contos - contos esquisitos - Mark Fisher olha para o tal passo frenético da história natural, repleto de agências não-humanas que ganharam proeminência no nosso horizonte de percepção, como uma irrupção e proliferação de entidades esquisitas, entendidas enquanto entidades consideradas exteriores aos nossos mapeamentos comuns do real e que portanto desafiam as fronteiras entre o mapeado e o caótico. Esta proliferação é inseparável de uma conjuntura histórica que, como qualquer outra, acentua determinadas tendências em detrimento de outras. Vivemos tempos esquisitos - e, como Gry Ulstein sublinha, tempos esquisitos pedem histórias esquisitas.

José Candeias é licenciado em Ciências da Comunicação pela NOVA FCSH e estudante de 2o ano do Mestrado em Ciências da Comunicação na mesma instituição, com especialização em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias. Interessa-se por áreas de investigação distintas, desde a teoria literária até às humanidades digitais, focando-se sobretudo na relação entre tecnologia, ideias e narrativas na cultura contemporânea.

Rui Portulez, “Poemas Filhas da Mãe. Contributos para uma antologia de poesia feminista em crescimento”

Este ensaio pretende lançar a proposta de uma antologia de poesia feminista activista, aberta e colaborativa. O objectivo primeiro é o de ouvir e amplificar a voz que fala alto e não cala, criando um corpo textual que elucide e critique as temáticas de desigualdade e discriminação, e todos os tipos de violência e opressão, que continuam a ser motivo de reparo e de necessidade de luta numa sociedade dominada pelo patriarcado.

Em Portugal é fácil detectar sintomas de misoginia, machismo e dessa instituição nacional que é o marialvismo. Os exemplos infelizmente abundam. Há que medir o pulso ao *estado das coisas*, e chamar os bois pelos nomes. Os poemas que privilegiam o confronto directo, a reflexão, a denúncia, a vontade de intervenção e inscrição no real, o apelo à mudança e o empoderamento, impregnados de um ânimo e de uma pulsação semelhantes aos que sentimos e medimos na poesia anti-fascista e libertária ou na canção de protesto, no hip-hop ou na slam poetry, serão os escolhidos.

Julgo que a força do conjunto de poemas aqui apresentados e as suas leituras serão importantes para descobrir comportamentos e práticas cristalizados, naturalizados (desde logo na língua e na escrita...) pelo uso e pelo tempo, que é preciso quebrar, interromper e reescrever. Acredito que a poesia poderá ser mais contagiante e eficaz como instrumento de apercepção da realidade em que vivemos.

O meu nome é **Rui Portulez**. Sou aluno do 1º ano do Mestrado de estudos Portugueses. Além disso, sou artista de rádio, locutor de publicidade e voz off, escrevente, dizedor de poesia, produtor de espectáculos, realizador de documentários, editor, A&R, leitor voraz e curioso, entre outras coisas. Estou a colaborar com a Associação A PALAVRA, na curadoria, organização e comunicação do Festival MAP 2022 - Mostra de Artes da Palavra, de Oeiras, no âmbito da candidatura a capital da cultura 2027, que vai decorrer de 5 a 8 de Maio. Às quintas-feiras faço o programa Multipistas na Rádio SBSR, de Lisboa e Porto. Mais info em <https://www.linkedin.com/in/rui-portulez-79193460/>

Jéssica L. Pires, “O ovo, a galinha e o (re)convexo de Lispector”

«*Tem um conto meu que eu não compreendo muito bem [...] “O Ovo e a Galinha”, que é um mistério para mim.*». Na última entrevista dada em vida a Júlio Lerner, em 1977, Clarice Lispector confessa algo tão perturbante quanto a sua escrita se afigurará aos seus leitores bravios: a realidade impressa nas palavras de “O Ovo e a Galinha” tornara-se-lhe, a ela, sua autora-criadora, exterioridade avulsa, selvagem de si, reminiscência funambulesca de um nexo interior inaudito. Como reagir, quando a interioridade se torna, assim, convulsa ao corpo que lhe dá sustento? Na erosão incauta da referência assimilada, desfigurada em distorção kafkiana – pela adulteração alucinantemente arbitrária da palavra-signo, de que modo emanará Clarice, em “O Ovo e a Galinha”, o lampejo da resistência última de um sentido? Retomando-*retocando* o (en)canto da escrita de Caetano, o que nos unirá, em côncavo, a um mundo (re)convexo?...

Nada e criada em Lisboa menina, crescida e sonhada em Lisboa mulher, **Jéssica Pires** é licenciada em Ciências da Comunicação, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), onde recebeu o NOVA Young Talent Award 2020. Durante a licenciatura, alimentou a sua paixão pelas histórias em palco, com formações no *Lee Strasberg Theatre and Film Institute* e na ACT (Escola de Atores) e integrou o Grupo de Teatro da Nova (GTN). Despertado, contudo, o laço umbilical de sempre à Literatura e após trabalhar, no mesmo período, nas Relações Públicas e em Marketing Digital, frequenta, atualmente, o primeiro ano do Mestrado em Estudos Portugueses, na Universidade Nova de Lisboa, onde perscruta o caminho sinuoso dos vagantes subordinados às letras e escreve à luz da estrela-sombra que sempre espreita e dela faz promessa de caminho.

Rita Anuar, “Políticas do corpo em Walter Benjamin: a criança e a infância”

Prestando continuidade ao trabalho já desenvolvido em torno da designada “fenomenologia da Modernidade” levada a cabo por Walter Benjamin, como afirmou Georges Didi-Huberman (Didi-Huberman, 2017), e a este respeito, lembrando a relação profunda de Benjamin com os textos de Baudelaire e a cidade de Paris; os seus escritos sobre a reforma da cidade levada a cabo por Haussmann; os passeios pelas famosas Passagens de Paris; a presença da figura do *flanêur*, que no fundo da multidão, com o seu corpo, experimentava aquilo que Benjamin designou como uma nova modalidade de *experiência*, a qual elucida no seu texto de 1933 «*Experiência e Indigência*»; *Políticas do corpo em*

Walter Benjamin: criança e infância reflete sobre a presença do corpo, agora prestando enfoque aos escritos de Benjamin em torno da infância e a figura da criança.

Encontramos Benjamin, no final da década de vinte, ocupado em reflexões sobre o brinquedo, a história do brinquedo, o jogo, livros infantis, ou a imaginação. Mais tarde, exilado e afastado da sua terra Natal devido ao assombramento da guerra, iniciará um projecto que só viria a ser integralmente reunido e publicado após a sua morte, com a ajuda de Theodor W. Adorno: *Infância Berlimense por volta de 1900*.

Este projeto pretende analisar a presença do corpo nesta região do pensamento e escritos de Benjamin, problematizando os desdobramentos entre as reflexões do autor sobre a criança e a infância, e o seu pensamento estético e político. Neste ponto, sublinha-se a relação entre esses textos da década de vinte, com um outro conjunto de textos, alguns ainda desse período, como é o caso do texto sobre o Surrealismo «O Surrealismo. O Último Instantâneo da Inteligência Europeia» (1929) e «*Programa de um teatro infantil proletário*» (1928).

Pretende-se, assim, destacar as intersecções entre esses textos, destacando as qualidades encontradas entre a presença do corpo e as noções de criança e infância. Deste modo, procurar-se-á, posteriormente, defender que essas intersecções encontram lugar no seu pensamento estético e político – ambos em estreita relação –, e que por meio dessa lente – a via da criança e da infância –, é possível encontrar neste autor uma política do corpo. Se, como escreveu Arendt em *A Condição Humana*, a criança habita um lugar fora da política, com Benjamin, procurar-se-á indagar a hipótese de encontrar na infância e na criança férteis ferramentas para reflectir sobre a *acção* política e o seu entrecruzamento com a estética, o humano e a memória.

Rita Anuar, 1994, Lisboa. Investigadora interdisciplinar, Licenciada em Ciências da Comunicação, Pós-graduada em Filosofia, mestre em História da Arte Contemporânea, na FCSH-UNL. Interessam-lhe os cruzamentos entre filosofia, artes visuais e literatura, a indisciplina e o vento. Encontra-se actualmente a investigar a noção de *infância* e de *criança* na obra de Walter Benjamin, procurando analisar os seus desdobramentos no seu pensamento estético e político.

Hináh Esttela, “Os pilotos de 3% e a utopia da meritocracia na sociedade neoliberal”

Este trabalho visa analisar e comparar os episódios pilotos da série *3%* criada por Pedro Aguilera, o primeiro de 2011 disponível no Youtube pelo canal thg que deu origem ao segundo de 2016 presente na plataforma Netflix. O enredo desta obra narra a história de um mundo dividido em dois lados: uma ilha farta de alimentos e tecnologia que se contrapõe ao Continente, um lugar sem florestas, com poucos recursos naturais e com pouco acesso a tecnologia. Trata-se de um conflito entre um mundo apresentado como utópico e outro distópico que dialoga com as desigualdades do nosso mundo real. Para manter a esperança da população mais pobre, a elite da ilha, todos os anos, realiza um conjunto de provas, conhecido como o “Processo”, a fim de eleger jovens de 20 anos de idade considerados merecedores de mudarem de vida. “Você é o criador de seu próprio mérito”, frase emblemática do chefe do “Processo”, atrela à juventude toda a responsabilidade em viver ou não em um mundo de fartura e tecnologia, desvinculando da elite o seu papel na desigualdade social existente entre os dois mundos, além da falta de acesso da população menos privilegiada a serviços essenciais. Dialogando com os livros *1984*, de George Orwell, e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, *3%* busca não apenas abordar a temática da utopia, como também a violência de um governo construído por uma elite totalitária e antidemocrática que se utiliza do discurso meritocrático para se manter no poder. Partindo dos estudos de Adam Smith e de John Stuart Mill, e de outros teóricos como os filósofos Vladimir Safatle e Marilena Chauí, meu objetivo é analisar e comparar a representação do discurso meritocrático nos dois episódios pilotos da série, o primeiro disponível no Youtube, escrito quando Pedro Aguilera era ainda estudante da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e o segundo guiado pela equipe da Netflix.

Hináh Esttela, Atualmente, participa do programa de dupla titulação de mestrado na área de Estudos Portugueses entre a Université Lumière Lyon 2 e a Universidade NOVA de Lisboa. Sua dissertação centra-se na representação do discurso neoliberal e do totalitarismo na obra audiovisual 3%, de Pedro Aguilera. Do segundo semestre de 2019 ao primeiro de 2020, realizou o programa de duplo diploma, nível licenciatura, entre a Université Lumière Lyon 2 e a Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), formando-se em Lettres modernes - portugais. Também desenvolveu uma pesquisa sobre as imagens da natureza na primeira fase poética de Manuel Bandeira, fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, entre 2017 e 2018. Ao finalizar a pesquisa, no primeiro semestre de 2019, atuou como monitora na disciplina Literatura Brasileira 1 na FFLCH-USP através do Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação.

Flavia Espindola, “O grito”

A pergunta central do livro-conceito "Lugar de Fala" (2017) da filósofa Djamila Ribeiro é: quem pode falar dentro de um regime de autorização discursiva? O conceito que também é um projeto político democrático direciona para a resposta desta pergunta no contexto do movimento do feminismo negro. Esta presente investigação, seguirá dois caminhos possíveis de interpretação sobre o conceito *Lugar de Fala*: pensar sobre o ponto de partida da fala, isto é, como as condições sociais do enunciador estariam intimamente relacionadas ao capital simbólico da enunciação, e desta forma, questionar a universalização do sujeito. E a outra possível interpretação seria: reivindicar um espaço de discurso das mulheres negras dentro deste mesmo sistema hierárquico. O conceito de Lugar, segundo Ribeiro, funda-se nas condições sociais do sujeito, ao grupo social no qual foi inserido. E a definição de Fala segue o conceito de discurso de Michel Foucault: uma ferramenta de construção do imaginário social e, portanto, um instrumento de poder.

Todavia, o fio condutor do propósito desta investigação seguirá a pergunta: se todos temos um "Lugar de Fala", como ocupá-lo sem reproduzir as estruturas do regime discursivo dominante? Ou seja, tentar entender como a "fala", dentro de um regime de autorização discursiva, poderá servir como ferramenta para desfazê-lo e não armadilha para o reproduzir. O objetivo principal da pesquisa será chegar ao chamado "o grito" com um projeto de discurso emancipatório. O grito busca ser o discurso autêntico, ultrapassar a insuficiência da escrita, do regime de significação binário (opressor x oprimido), e logo, da fala. Por fim, pensar simbolicamente sobre "o grito" como instrumento de (des)construção de um imaginário social racista e hierárquico.

Flavia Pontes Espindola formou-se pelo programa de mestrado Erasmus Mundus Crossways in Cultural Narratives em 2021. O primeiro semestre cursou na Universidade de Santiago de Compostela. Os dois seguintes semestres, estudou na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Sheffield. No mesmo ano, Flavia também fez parte do comitê de comunicação do Brazil Forum UK 2021.

A primeira licenciatura de Flavia foi em jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2016 e depois licenciou-se em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2019. A experiência com investigação acadêmica começou como bolsista do projeto Ficções que Constroem Memórias na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2016.